

O FANTÁSTICO E O HUMOR NA RELIGIOSIDADE: UMA LEITURA DA OBRA *A CABEÇA DO SANTO*, DE SOCORRO ACIOLI

THE FANTASTIC AND HUMOR IN RELIGIOSITY: A READING OF THE NOVEL *A CABEÇA DO SANTO*, BY SOCORRO ACIOLI

Edna da Silva POLESE*

Resumo: A obra literária *A cabeça do santo*, de Socorro Acioli (2014), apresenta uma narrativa em que é possível estabelecer a presença do fantástico. Ainda, pelo caminho do riso, a autora desconstrói a temática da religiosidade e de questões sociais como a corrupção política. A partir dos estudos de Bakhtin, Bergson, Todorov, Câmara Cascudo, entre outros, apresentamos uma possível leitura da obra destacando o fantástico e o humor. O percurso se dá a partir do acompanhamento da viagem de Samuel, personagem central da trama, à cidade de Candeia. Ali, ele experimenta situações inusitadas como a de ouvir vozes dentro de uma cabeça de estátua de santo abandonada. Posteriormente, há a atribuição de milagres a partir das ações de Samuel. A verdade sobre o abandono da obra da estátua é desvendada, revelando a corrupção política local. Samuel modifica as práticas religiosas locais e, com os resultados dos chamados milagres, reaviva a cidade de Candeia. Toda a trama é marcada fortemente pelo humor, pois Samuel não acredita no sagrado, age no intuito de obter lucro. Aproxima-se, portanto, da configuração do herói picaresco. As realizações dos chamados milagres, assim como diversas cenas da obra, transportam o leitor ao universo do fantástico, permeada pelo humor e presente em toda a diegese.

Palavras-chave: Religiosidade. Fantástico. Humor. Literatura brasileira.

Abstract: The novel *A cabeça do santo*, by Socorro Acioli (2014), presents a narrative in which it is possible to establish the presence of the fantastic. Through the path of laughter, the author deconstructs the subject of religiosity and social issues such as political corruption. From the perspective of Bakhtin, Bergson, Todorov, Câmara Cascudo, among others, this paper presents a possible interpretation of the novel emphasizing the themes of fantastic and humor. The trajectory is based on Samuel's trip, the central character of the plot, to the city of Candeia. There, he experiences unusual situations, such as hearing voices inside the head of an abandoned statue of a saint. Later, miracles are attributed to Samuel's actions. The truth about the abandonment of the statue is unveiled, revealing the local political corruption. Samuel modifies the local religious practices and revives the town of Candeia with the results of the so-called miracles. The whole plot is strongly marked by humor, for Samuel does not believe in the sacred; instead, he acts for profit. He is, therefore, close to the configuration of the picaresque hero. The realization of the so-called miracles, as well as several scenes in the novel, transport the reader to the universe of the fantastic, permeated by humor and present throughout the diegesis.

Keywords: Religiosity. Fantastic. Humor. Brazilian literature.

Introdução

A obra literária *A cabeça do santo*, de Socorro Acioli, apresenta gratas surpresas ao leitor, mesmo antes que se debruce sobre a leitura da narrativa. O enredo foi desenvolvido em uma oficina ministrada por Gabriel Garcia Márquez em San Antonio de Los Baños, em Cuba, e, nas

* Doutora em Letras pela Universidade Federal do Paraná (UFPR). Professora de Literatura Brasileira e Teoria Literária. E:mail: ednapolese@gmail.com. ORCID ID: <https://orcid.org/0000-0002-5184-6749>

palavras de José Eduardo Agualusa: “parece uma ideia roubada aos melhores sonhos do escritor colombiano”¹. O universo fantástico tão evidente na obra de Márquez encontra performance executada com maestria por Acioli no espaço do peculiar sertão nordestino e a vivência com o catolicismo: a cabeça abandonada da estátua de um santo que ouve os apelos das devotas e reverbera seus pedidos a Samuel, personagem central da narrativa e desprovido de fé religiosa.

A narrativa é centrada em Samuel, que efetua uma viagem a pé para cumprir o último desejo da mãe: encontrar o pai e a avó que nunca conhecera e acender 3 velas para os santos devotos dela. Segue o caminho extremamente contrariado, pois só o faz em obediência à mãe a quem amava muito. Chegando ao local, uma cidade praticamente abandonada, Candeia, logo é enxotado pela avó paterna. Não tendo onde dormir nem muito menos se hospedar, encontra refúgio numa gruta quando, pela manhã, percebe que é uma enorme cabeça da estátua de Santo Antônio que jaz jogada no chão, abandonada. Como o oco da cabeça é pelo menos um refúgio da chuva e intempéries, ali permanece por alguns dias até perceber vozes que surgem dentro da cabeça, sempre num horário específico. Compreende que se trata das rezas, orações e pedidos das devotas de Santo Antônio. Com esse “dom” recém-descoberto, consegue sobreviver à situação miserável em que se encontrava. Acaba por tornar-se uma espécie de porta-voz dos milagres do santo e passa a ganhar respeito por parte dos devotos.

A nova situação modifica a então “amaldiçoada” Candeia, pois, segundo a população local, os habitantes daquela cidade sofriam a punição por não terem colocado a cabeça do santo no lugar certo, no alto da estátua, e passam a odiar e temer o santo. Agora, porém, o santo começara a fazer milagres e Candeia se renova. Comércio, romarias, presença dos devotos, tudo começa a se reorganizar. O interesse comercial está por trás de cada ato, e o próprio Samuel é bem realista diante dessa situação, pois vivera a vida inteira em Juazeiro do Norte e tinha consciência de que tudo funcionava em prol da fé dos romeiros na figura de Padre Cícero.

Antes de ir embora da cidade onde nasceu, Samuel foi ao pé da estátua do Padre Cícero pela última vez. Disso ele ria, dessa ilusão de que aquela estátua branca, imóvel, gigante, estivesse vendo alguma coisa ou preocupada se alguém estava vivo ou morto sobre aquele Juazeiro do Norte. Era a mesma ilusão de sua mãe, sustentada até a morte (ACIOLI, 2014, p. 47).

Samuel em nada acredita. Inicia sua vida como porta-voz do santo milagreiro por questão de sobrevivência, pois chegara ao local como um mendigo.

¹ Excerto retirado de texto da quarta capa da obra *A cabeça do santo*.

O romance está dividido em quatro partes. Na primeira, apresenta-se a trajetória de Samuel como andarilho, quase um romeiro, a chegada em Candeia, a audição das vozes dentro da cabeça e a realização do chamado primeiro milagre. Na segunda, apresenta-se a exploração do comércio da fé, pois a cidade passa a prosperar e Samuel, assim como outros envolvidos, aproveitam-se do lucro. Na terceira parte, há o retorno aos acontecimentos passados que explicam a origem de Samuel e de outras personagens, o porquê da cabeça do santo jazer no chão, as corrupções e os crimes dos envolvidos nessa questão. Na quarta, há a redenção da personagem, a consciência sobre os fatos, a fuga de Candeia e o encontro com uma das portadoras das vozes que ouvia, que acaba por se manifestar como um milagre pessoal.

A obra apresenta os temas do catolicismo oficial e popular; do percurso de catarse da personagem principal; a corrupção política e a comercialização da fé. No entanto, a dura trajetória de Samuel e o tema da religiosidade não apresenta um clima pesado nem dramático. Ao contrário, é pelo caminho do riso desconstruindo a aura de drama e de seriedade, caros aos temas como o da espiritualidade, que a narrativa se organiza. É também fortemente marcado pela presença do fantástico, pois há a pronta aceitação de que a personagem de fato ouve as mensagens reverberadas na cabeça do santo.

Traçaremos nossa trajetória de uma possível leitura da obra ficcional a partir, principalmente, das obras de Bergson e Bakhtin sobre o riso; Todorov e Ceserani sobre o fantástico; e Câmara Cascudo e Paiva sobre a religiosidade popular no Brasil.

Um santo enxaquecoso – o fantástico na narrativa

Remo Ceserani, em *O fantástico*, apresenta no segundo capítulo dessa obra as possibilidades de tentativas de definição do termo oriundas de vários estudiosos e teóricos retomados por Todorov. Entre essas tentativas, apresentamos aqui a de Louis Vax, estudioso do Surrealismo:

De Louis Vax, estudioso bastante original do surrealismo artístico relembramos dois livros, também eles pioneiros: *L'art et la littérature fantastique* (Paris, PUF, 1960) e *La séduction de l'étrange* (Paris, PUF, 1965). Ele modifica os conceitos de “inadmissível” e “indizível” formulados por Caillois, e os substitui pelo conceito de “inexplicável”: amplia muitíssimo o campo do fantástico, compreendendo, assim, uma grande quantidade de fenômenos e textos; formula uma definição em cujo centro está o conceito de “conflito” entre “real” e “possível”; introduz enfim a ideia de que o fantástico contém em si um forte elemento de “sedução”:

Para se impor, o fantástico não deve somente fazer uma irrupção no real, mas precisa que o real lhe estenda os braços, consinta com a sua “sedução”(…) O fantástico ama aparecer a nós, que habitamos o mundo real no qual nos encontramos, de homens como nós, postos repentinamente na presença do inexplicável (CESERANI, 2006, p. 47).

A partir da definição apresentada por Ceserani, tentaremos traçar a trajetória de Samuel como personagem seduzido pelo fantástico.

Samuel chega a Candeia e encontra a casa da avó, Niceia. Está numa cidade quase abandonada, com poucas casas habitadas. A casa da avó não se diferencia das demais nesse sentido. Tudo parece morto, o mato cresce por cima das telhas, as raízes das plantas quebram a calçada, o portão da frente está fechado com corrente e cadeado, as janelas estão fechadas com tijolos, oito, nove gatos habitam o jardim abandonado. Mesmo assim, Samuel a chama e surge, em meio a esse cenário desolador, uma mulher de difícil definição. O diálogo é, no mínimo, estranho.

As elipses, os espaços vazios presentes no diálogo entre Samuel e a avó dão abertura para a presença do fantástico, de acordo com Ceserani. O autor elenca uma série de elementos presentes nesse tipo de narrativa que formam a atmosfera do fantástico, são procedimentos narrativos e retóricos utilizados pelo modo fantástico². As elipses estão presentes nesse diálogo e, nas palavras do estudioso:

Encontram-se com frequência, nos textos fantásticos, a súbita abertura de espaços vazios, de elipses na escritura. No momento culminante da narração, quando a tensão está alta no leitor, e é forte a curiosidade de saber, se abre de repente sobre a página um buraco branco, a escritura povoada pelo não dito (CESERANI, 2006, p. 74).

Ainda de acordo com Ceserani, as elipses promovem a sedução, pois carregam a novidade de possíveis explicações, multiplicam as perguntas com o objetivo de unir esses elementos contrapostos. Deixam o leitor sedento de informações.

Voltando ao diálogo, temos trechos de impossibilidades de conhecimento lógico da parte da avó de Samuel, D. Niceia, sobre a existência e percurso do neto. O diálogo está apresentado nas páginas 23 e 24 do texto ficcional (grifos nossos):

“— **E você é Samuel.**” “**Não era uma pergunta.**” O ponto simples informa essa situação. Dona Niceia sabe que é Samuel que está ali. A voz do narrador informa que não era uma pergunta, mas uma afirmação.

“— A senhora me conhece?” “— Não. **E nem você. Mas sei quem você é.**” A avó parece saber quem é Samuel e antecipa uma informação ainda obscura, a de que Samuel ainda não se conhece.

² São dez os procedimentos apresentados por Ceserani: 1) Posição de relevo dos procedimentos narrativos no próprio corpo da narração; 2) A narração em primeira pessoa; 3) Um forte interesse pela capacidade projetiva e criativa da linguagem; 4) Envolvimento do leitor: surpresa, terror, humor; 5) Passagem de limite e de fronteira; 6) O objeto mediador; 7) As elipses; 8) A teatralidade; 9) A figuratividade; 10) O detalhe (CESERANI, 2006, p. 68-77).

“Tinha **cara e conversa de louca.**” O raciocínio realista promove em Samuel a conclusão de que a velha é louca. A loucura explica a situação. É uma possibilidade de explicação que pode ser também pressentida pelo leitor.

“— E não trouxe nada pra mim?” “—Não.” “— **Sua mãe mandou.**” “— Mandou, mas eu não trouxe.” A avó sabe que Mariinha, mãe de Samuel, mandou um objeto específico para ela. Como poderia saber disso?

Sobre os dias de viagem de Samuel, a avó também é certa: “— Quantos dias?” “— Uns quinze.” “— **Dezesseis.**” “— **Como a senhora sabe?**” “— **Eu sei.**”

Além de todas essas elipses presentes na conversa entre os dois, com afirmações taxativas da avó sobre a vida de Samuel, há a marca das reticências entre partes do diálogo, demonstrando silêncios entre os dois, o lugar do não dito, do encoberto.

Samuel não sabe ainda, mas está dialogando com o fantasma da avó, morta há algum tempo, mumificada na casa abandonada. A vida dos mortos, o diálogo com os mortos, é um dos temas recorrentes nas narrativas fantásticas, de acordo com Ceserani:

Também a vida dos mortos e de seu retorno não é um tema novo: basta pensar no *Diálogo dos mortos*, nas visitas além túmulo de grandes personagens (de Virgílio a Dante), nas bruxas e nos espíritos dos dramas shakespearianos, nas evocações dos romances cavaleirescos, no *Fausto*. Mas também esse tema, no fantástico, se constrói com novos aspectos. Interioriza-se (CESERANI, 2006, p. 80).

O convite ao fantástico está feito: o diálogo com a avó é estranho, intriga Samuel, e abre sugestões de algo que carece de explicações. Ele não consegue perceber que está diante de uma situação inusitada, mas pressente algo. Dialoga com uma morta, mas ainda não está consciente disso. A cena não apresenta alarde ou susto, apenas uma sensação de estranhamento. O leitor ignora, como Samuel, o desfecho, só mais tarde explicitado, dentro de uma possível explicação. O estranhamento da personagem vai se construindo aos poucos percebendo o excesso de informação que a avó detinha sobre sua vida.

De acordo com Todorov:

Em um mundo que, seguramente, é o nosso, aquele que conhecemos, sem diabos, nem sílfides, nem vampiros, verifica-se um evento que, entretanto, não se pode explicar com as leis do mundo que nos é familiar. Aquele que percebe o evento deve optar por uma das soluções possíveis: ou se trata de uma ilusão de sentidos, de um produto da imaginação, e, em tal caso, as leis do mundo permanecem aquelas que são, ou o evento realmente aconteceu, é parte integrante da realidade, mas então esta realidade é governada por leis desconhecidas para nós.

(...)

O fantástico ocorre nesta incerteza, ao escolher uma ou outra resposta, deixa-se o fantástico para entrar no gênero vizinho, o estranho ou o maravilhoso. O fantástico é

a hesitação experimentada por um ser que só conhece as leis naturais, face a um acontecimento aparentemente sobrenatural (TODOROV, 1975, p. 31).

A avó não o recebe em casa. Instrui que procure um refúgio, pois irá chover:

— Já escureceu e daqui a pouco vai chover. Você saia daqui, vá andando pelo mato. Segue aqui na rua, passa da matriz e do cemitério, entra nos matos mesmo, sempre reto, sem dobrar. Quando avistar um pé de goiaba, aí dobra pro rumo da direita, que tem um canto coberto para dormir. Entra correndo e dorme, o temporal vem forte (ACIOLI, 2014, p. 25).

Samuel encontra o canto coberto para dormir. Seguirá as instruções da avó e se refugia, ainda sem saber, na cabeça da estátua. A chuva cai fortíssima. Samuel fora atacado por cães no caminho. Está ferido e com fome. No dia seguinte, ao despertar, percebe estar na cabeça do santo. Fora acordado às cinco da manhã, confuso, ouvindo várias vozes, falando ao mesmo tempo. É o momento da confusão, hesitação, explicitado ao final do excerto:

Eram exatamente cinco horas da manhã quando Samuel começou a acordar, atormentado, confuso. Ouvia vozes de mulheres, várias, falando ao mesmo tempo. Falando, falando, falando. Parecia reza, briga, conversa, tudo ao mesmo tempo. Talvez fosse pesadelo, pareciam as mulheres do Horto. Sentou-se, assustado, acordado, mas as vozes não paravam. Mais alto, mais forte e, sim, era reza. Parecia a voz das carpideiras amigas de Mariinha, tirando o terço quando morria gente. Samuel saiu correndo daquela gruta maldita sem lembrar que a perna estava ferida com a mordida do cão, que estava fraco, faminto, cansado, e caiu no chão poucos metros dali. Não tinha mulher nenhuma rezando ali, não havia ninguém por perto, nem os cachorros da noite.

(...)

Quando se virou para observar o lugar onde estava, com a ajuda da pouca luz do sol encoberto, Samuel percebeu que a gruta onde passou anoite era, na verdade, uma cabeça gigante, oca e assustadora. Uma cabeça de santo. Mesmo coberta de plantas, via-se que o nariz era grotesco, dois buracos enormes, boca para cima, lábios grossos, fechados, olhos esbugalhados, expressão séria. O globo ocular era o mais assustador: um par de bolas de concreto presas por fios de aço nos olhos vazados. Não era uma cabeça maciça, mas feita de peças simétricas e numeradas com tinta branca. Samuel levantou-se com dificuldade e chegou mais perto.

Aquilo era delírio, ele pensava. Mordida de cachorro louco, enlouquecera também (ACIOLI, 2014, p. 32, grifos nossos).

Samuel tenta se organizar dentro de uma possível realidade da situação. Tenta, como aponta Todorov sobre o fantástico, se organizar dentro do evento: percebe estar acordado, mas mesmo assim escuta as vozes. Ao sair correndo do local, lembra-se que está ferido e faminto e, portanto, passível de confusão mental. Ao se deparar, finalmente com a cabeça, imagina-se em delírio de mordida de cachorro louco. Está doente. É a explicação plausível.

Ainda assustado, Samuel tenta entender como a cabeça do santo está ali, enquanto o restante do corpo está no alto do morro. Imagina que um gigante tenha degolado o santo. A

cabeça e o corpo eram de cor cinza. Não tinham o branco de Padre Cícero, nem o marrom de São Francisco: “Samuel riu por dentro, riu do santo degolado, pegou as goiabas verdes e voltou pra dentro da cabeça. Riu de medo.” (ACIOLI, 2014, p. 33).

Adormece e novamente acorda às cinco da tarde ouvindo as vozes das mulheres. Não havia ninguém do lado de fora. Samuel se aproxima do concreto e ouve com mais nitidez os pedidos para Santo Antônio:

O fato é que as orações das mulheres reverberavam dentro da cabeça do santo e, por algum motivo, Samuel conseguia ouvir. No dia seguinte ele comeu goiaba, folhas, bebeu água da chuva e percebeu que as orações aconteciam de manhã e à tarde. Nem sempre todas as vozes, nem sempre as mesmas palavras, mantinha-se apenas o pedido: elas amavam e queriam casar (ACIOLI, 2014, p. 34).

Aqui, podemos aproximar as imagens vividas por Samuel, ao perceber as vozes na cabeça do santo, condizendo com os conceitos apresentados por Ceserani. O inexplicável vivido pela personagem estende os braços e o seduz: “formula uma definição em cujo centro está o conceito de “conflito” entre “real” e “possível”; introduz enfim a ideia de que o fantástico contém em si um forte elemento de “sedução” (CESARANI, 2006, p.47).

Quatro dias se passam e Samuel trava amizade com Francisco, um adolescente que entra na cabeça do santo, portando revistas pornográficas. Flagrado no ato constrangedor, o rapaz se apavora e Samuel ri muito da situação: um moleque lendo revista pornográfica na cabeça de um santo degolado. Tinha visto muita coisa estranha em Juazeiro, mas nada tão bizarro.

Firma uma relação de amizade com Francisco que se mobiliza trazendo proventos para Samuel viver um pouco mais confortável e, em troca, há a promessa de que Samuel não entregaria as ações de Francisco aos pais deste. Depois de um certo tempo, Samuel finalmente conta a Francisco que ouve os pedidos das mulheres dentro da cabeça:

— Você também escuta?
 — O quê?
 — A rezalhada das mulheres aqui dentro?
 — Ninguém vem rezar aqui dentro. O povo de Candeia odeia essa cabeça.
 — Por quê?
 — É a maldição daqui. Como é isso de rezalhada?
 — Desde a primeira noite aqui eu escuto a voz delas pedindo ao santo para casar, falando de homem. Tem uma que só fala num tal de dr. Adriano...
 — E quem é?
 — Não sei o nome, não, ela toca bem aqui.
 Samuel apontou o lugar exato da cabeça onde ouvia a voz.
 — Eu nunca escutei nada aqui, não.
 — Que horas são?
 Francisco olhou o relógio, demorou, fez as contas.
 — Quatro e quarenta.
 — Começa cinco horas.

— Tu é doido?
 — Sei lá...
 — Acho que é.
 (...)
 (ACIOLI, 2014, p.38).

O diálogo de Samuel com Francisco busca uma aceitação, um possível entendimento sobre o que está vivenciando. Como não há compartilhamento da experiência, Samuel quase concorda em estar enlouquecendo. Mais adiante, a narrativa apresenta o pedido da moça ao santo:

— Meu santinho, me escute: eu lhe tiro de baixo da cama se o dr. Adriano casar comigo, juro que tiro na hora e faço um altar bem bonito na minha casa. Escute, meu santo, eu quero ir lá no posto sexta-feira, mas não sei mais o que invento, não tenho doença nenhuma, minha mãe bem que está cismada. Se souber que eu vou no posto, ela fecha a bodega e vai comigo. Já roubei uma meia dele, meu santo, fiz simpatia, e nada. Mande uma luz, meu santo Antônio, mande logo para eu lhe desamarrar, viu? Mande esse homem almoçar aqui, dê um jeito de atrasar as consultas para ele não ir embora cedo, faça alguma coisa! Em nome do Pai, do Filho, do Espírito Santo, amém! Samuel estava controlando o *riso*, tanto pela conversa da menina, como pela cara de Francisco, de ouvido colado na cabeça, indignado.

— Não ouvi nada.

— Pois deixa eu te dizer: é uma menina dizendo que gosta do doutorzim Adriano, que ir lá na sexta-feira na consulta mas não sabe o que inventar.

— Tá inventando só porque eu falei que o posto é dia de sexta, mentiroso.

— Tô não, infeliz, como é que eu ia saber o nome dele? Tu disse o nome dele por acaso?

— Disse não.

— Pois escuta: ela pediu ao santo um jeito de enganar a mãe dela e ir lá sozinha. Ela disse que a mãe vai fechar a bodega e ir junto porque tá desconfiada.

— Então é Madeinusa, filha de Helenice da bodega. Só tem uma aqui (ACIOLI, 2014, p. 39-40).

Notamos que Samuel acha graça do poder de ouvir as vozes, as orações de tom desesperado e cômico das moças que desejam se casar. Ele não vê a situação como algo muito sério e religioso, como um devoto que talvez se fascinasse pelo dom adquirido, que entra em estado místico ou algo parecido.

Samuel e Francisco se organizam para “realizarem” o primeiro milagre do santo, pensando nos lucros. Portando as informações que Madeinusa³, a moça que reza pedindo que Santo Antônio a ajude a conquistar o doutor Adriano, o médico da cidade, seguem para a fila do posto de saúde. Samuel se aproxima de Madeinusa e se apresenta como o portador do recado do santo, enquanto Francisco pega o primeiro lugar na fila para que Samuel seja atendido pelo doutor. Samuel convence a moça, pois relata informações que somente ela sabia e que havia

³ Na narrativa, vamos descobrir que Madeinusa era filha de Helenice e Fernando. Moça muito bonita. O pai, quando a batizou, pensou que uma coisa tão linda só haveria de ser importada, como o rádio que ele comprou. Daí o nome, “Made in USA”. Mais um elemento cômico na narrativa.

“contado” ao santo. Ao entrar na sala de consulta, Samuel informa ao médico que chegará uma moça que está sofrendo do coração e que esta é a mulher da vida dele, conforme lhe dissera o santo também. Incrédulos no começo, Madeinusa e Adriano enfim “trocam” as informações concedidas por Samuel quando a moça entra para se consultar. Beijam-se, fazem barulho, invadem o consultório, os que estavam no posto de saúde testemunham, há um alvoroço imenso, o casamento é marcado, a igreja reformada em questão de dias, o padre Zacarias chamado às pressas, a mãe da moça horrorizada com o escândalo. No dia do casamento 64 mulheres estão na cerimônia e, junto aos convidados, mal cabem na igreja. Samuel é o padrinho. Madeiunsa e Adriano estão realizados:

Adriano saiu da igreja carregando a noiva nos braços. Ali mesmo ela jogou o buquê de flores de plástico, que foi destruído e transformado em várias relíquias do primeiro novo milagre de Santo Antônio de Candeia, por intermédio de Samuel, o mensageiro de recados do Céu (ACIOLI, 2014, p. 62).

Quando a notícia dos milagres do santo se espalha, mulheres vindas de toda parte invadem o local, agora sagrado. Cercam a cabeça, acampam ao redor dela, oferecem dinheiro ao mensageiro, algumas invadem a cabeça, gritando, pedindo que o santo as ajude. A cabeça começa a vibrar e o padre chega à conclusão de que o santo tem enxaqueca. Uma das mulheres faz chá, os olhos do santo são cobertos para evitar a luz excessiva e pedem silêncio para que Santo Antônio melhore: “Enquanto a mulherada respeitava a ordem de não invadir a cabeça do santo enxaquecoso, o pároco conversava com o forasteiro sobre os milagres, tentava descobrir o que estava acontecendo.” (ACIOLI, 2014, p. 73).

A cabeça vibra, o santo está com dor de cabeça e é tratado como se fosse uma pessoa viva. Sem questionamento, há a aceitação imediata da situação: a cabeça é viva. Câmara Cascudo nos explica no livro *Religião no povo* (2011) como essa proximidade entre os seres divinos e os devotos é recorrente no Brasil. É uma maneira particular de se vivenciar a fé. Os santos são tratados como seres vivos. E punidos também. Nessa categoria, Santo Antônio é o que acaba por sofrer o maior número de punições por partes das moças desejosas de casar: é colocado embaixo da cama; surrupiam-lhe a figura de Cristo menino do colo, retiram-no do altar.

Santo Antônio não entra na categoria dos santos populares criados pela fé do povo. É santo já vindo da Península Ibérica, muito conhecido e um dos mais cultuados do Brasil. Câmara Cascudo, na mesma obra aqui citada, apresenta a informação de que Santo Antônio é o segundo em número de paróquias em municípios e distritos no país. A narrativa mostra que

o sacrilégio cometido, a não finalização da execução da estátua, amaldiçoara a cidade. Ainda, o povo de Candeia nutria ódio pelo santo traidor: “[...] que não teve forças sequer de evitar que própria cabeça permanecesse caída no chão, longe do corpo, como um decapitado qualquer.” (ACIOLI, 2014, p. 61). A crença só é novamente renovada com a intervenção de Samuel, um andarilho sem fé, e de pessoas comuns do povo que revitalizam essa relação com o santo esquecido:

A porta da igreja estava trancada com uma corrente enferrujada desde que o padre Zacarias foi expulso, desde que um mar de desgraça invadiu Candeia. O velho pároco nem acreditou quando Adriano parou o carro em frente à sua casa, em Tauá, e pediu que ele celebrasse o seu casamento. Ele batizara Adriano, Madeinusa e quase todo mundo que resistia morando em Candeia. O médico contou o acontecido, falou do forasteiro, Samuel. O padre olhou para o céu, convicto:
— É milagre de Santo Antônio! Ele demora, mas não falha (ACIOLI, 2014, p. 60).

O retorno das atividades na igreja, da vivência da fé reconhecida pela oficialidade só se dá após o testemunho do primeiro milagre, vindo do meio do povo, “executado” por um andarilho descrente, sujo, maltrapilho e desconhecido.

Os ritos religiosos – os existentes e os inventados, ou, como os brasileiros vivem a fé

A vivência da religiosidade no Brasil é, desde o seu achamento, praticada de forma híbrida e popular. O domínio da Igreja Católica oficial encontrou e encontra muitas dificuldades de apresentar e ser obedecida dentro de um modelo rígido e oficial. Historiadores resgatam cada vez mais informações e documentos de como desde o Brasil Colônia o modo de viver a religião estava profundamente vinculado ao cotidiano. E esse cotidiano sofria toda a possibilidade de junção e influência entre as crenças indígenas e africanas com os dogmas católicos cristãos oriundos da Europa. O resultado era muitas vezes desesperador para a oficialidade. Uma população já numerosa e dispersa com poucos padres para tomar “conta das ovelhas” vivenciava essa religiosidade muitas vezes sem se dar conta de que algo tão cotidiano como jurar pelo santo poderia ser considerado blasfêmia.

Em *Religiosidade e cultura brasileira* (séculos XVI-XVII), o historiador José Maria de Paiva recorre a documentos para discutir o tema da religiosidade como vivência da onipresença divina em todas as instâncias. Vindo diretamente de Portugal, o modo de viver a religião estava incorporado em todas as camadas sociais, como destacado pelo autor em trechos de várias cartas (atas e outros documentos) em que padres, governadores, e outras figuras da organização social de época, enviavam ao Reino para explicar, justificar, fazer pedidos, etc... sobre a situação social do Brasil de época. Nessa primeira parte, o autor observa como a ideia de missão e

evangelização está presente no discurso dessas camadas sociais e o nome de Deus é invocado a todo o momento, pois todas as realizações são justificadas em nome da vontade de Deus para que tudo prossiga e se realize.

A segunda parte do trabalho esmiúça melhor como se dá essa prática e como a correspondência mantida com Portugal detalha a dificuldade, em muitas situações, dos jesuítas manterem uma prática elitizada da religião católica.

As cartas jesuíticas retratam a visão dos seus autores a respeito da prática cultural e devocional. Elas insistem sobre aspectos que os jesuítas viam negligenciada pelos cristãos. Eles, no entanto, representavam um olhar de Igreja, diverso do olhar do clero secular e diverso do olhar do povo. Mesmo os processos inquisitoriais, que registram a fala popular, não traduzem em primeira mão o entendimento que a religião popular tinha do cultural e devocional, porque os processados davam respostas interessadas, ajustando-se ao que se presumia ser o pensamento do inquisidor (PAIVA, 2012, p. 85).

De acordo com o autor, dá-se o choque entre uma cultura que já vivia há séculos uma maneira particular de vivenciar o religioso e o ensino oficial praticado pelos jesuítas. Ora, os primeiros portugueses que para cá vieram eram formados também por pessoas de classes mais populares, trabalhadores e degredados. O modo de viver a religiosidade era, portanto, já vivenciado de forma mais popular que oficializada. Havia grande dificuldade de manter, por exemplo, o ritmo das missas e das confissões e os padres de época organizavam verdadeiros mutirões para que uma determinada população de uma vila se confessasse. Além disso, essa experiência popular da religião agrega muito das crenças em magia, espíritos malignos e outras manifestações do oculto, oriundos das antigas religiões europeias anteriores ao catolicismo. As religiões africanas e indígenas contribuíram para manter essa atmosfera, pois os católicos portugueses passaram a temer as manifestações das outras religiões também:

Havia, com certeza, um mal entendido: segundo as cartas, todos praticavam o mau caminho. Há que se estranhar a generalização. O povo, por certo, não pensava assim. Tampouco o clero secular. O que o povo pensava e praticava, a isso Nóbrega chama de ignorância, por destoar contrastantemente do modelo que propunha os jesuítas. Esta ignorância permite que se reconheça uma outra forma de viver a religião. A posição que os jesuítas assumiram em relação ao pecado se fundava no rigor da espiritualidade reformada, atenta ao processo de conversão da Igreja e de modernização do mundo em termos de princípios. O povo comum e o clero tradicional, por sua vez, se pautavam pelos usos, firmados ao longo do tempo no ajuste das exigências da Doutrina à prática imediata (PAIVA, 2012, p. 99).

O contraste se organiza pelo lógico-conceitual da oficialidade X imagético do popular. O autor apresenta uma série de exemplos de como as pessoas viviam essa fé pelos relatos colhidos nas confissões ao Santo Ofício: de que Deus deveria descer ele próprio para arrumar um moinho

destruído num temporal; que chamavam os santos por diminutivos (Santo Amarinho) porque o queriam bem; de que os bispos e o papa eram ladrões; de que Deus não havia instituído tantos dias santos e tantas confissões. Outro exemplo, bastante peculiar, eram as blasfêmias, pois as pessoas praticaram o juramento a qualquer coisa cotidiana usando o nome de Deus, ou pior, jurando em nomes das partes dos corpos dos santos, como pelas barbas de Cristo, pelas vergonhas de Nossa Senhora e, no caso mais chocante: “bendito seja o caralho de meu senhor Jesus Cristo que agora mijá sobre mim”(PAIVA, 2012, p. 104). Os teólogos se expressavam por ideias e definições. O povo predominantemente pelo gesto, pela imagem:

Cartas e processos evidenciam, assim, uma prática popular da religião, de origem anterior a qualquer institucionalização de caráter universal: magias, feitiçarias, encantamentos, todos “abusões supersticiosas om que o diabo engana a gente fraca” (CONFISSÕES, 139); fórmulas e ritos que recorrem a poderes que a cultura ocidental identificou como o Demônio, em busca de respostas dos problemas vividos no dia a dia. A religiosidade se realiza ao chão, em meio aos problemas mais corriqueiros, com as soluções mais acessíveis, expressando o desejo de uma transformação miraculosa do contexto que se vive. Não se tem, aí, uma teologia, nem fórmulas abstratas difíceis de serem entendidas. O que se tem é a atribuição de propriedade nova às coisas do cotidiano (PAIVA, 2012, p. 106).

A Igreja, de acordo com o historiador, não poderia aceitar essas práticas, que acabaria por minar os fundamentos teológicos. Assim, enquadrou-as como pagãs e heréticas, que deveriam ser castigadas e eliminadas. As pessoas, no entanto, continuaram a vivenciar a fé e a religião de acordo com seu entendimento. Confirmavam a autoridade e a doutrina, mas ao mesmo tempo, viviam a religiosidade em nível desse contato mais imediato.

Voltando à obra ficcional, percebemos que boa parte do enredo se organiza em prol dessa prática de fé popular apontadas pelos estudiosos. A obra, que marca um tempo histórico provavelmente da década de 1970, demonstra como a prática da religiosidade cotidiana prevalece na cultura do povo.

Depois da realização do chamado primeiro milagre, Candeia está famosa e os devotos procuram a graça do santo. Samuel percebe que há a necessidade de se criar um ritual. Acostumado como essa atmosfera, pois nascera e vivera em Juazeiro do Norte, onde a cidade se organiza em torno da figura de Padre Cícero, ele cria um planejamento. Organiza métodos e prazos:

O plano de Samuel era simples: receberia as mulheres dentro da cabeça, mandaria que dissessem o nome do pretendente, se fosse o caso, que escrevessem o nome num pedaço de papel e ele esfregaria no lado direito da cabeça do santo. Se não tivesse pretendente, bastaria o nome da moça, mas a esfregada seria no lado esquerdo. Essa escolha dos lados era para que a prática denotasse algum tipo de métodos, mas não

passava de enrolação. Depois de esfregar o papel, anunciaria que o resultado poderia demorar até quarenta dias para fazer efeito (ACIOLI, 2014, p. 80).

Aos poucos, Samuel inova nos conselhos e nos métodos. No geral, era sempre a mesma orientação. Mas quando a situação das moças não era muito favorável, ele acabava por inventar ordens do santo aparentemente estranhas para que a devota alcançasse a graça. Chegara, por exemplo, uma moça com um hálito pestilento. Além de esfregar o papel, disse para a moça ir para a farmácia, comprar duas escovas de dente e pasta. Outro caso foi o de uma moça obesa:

Outra, enorme de gorda, apoiou as costas na lateral da cabeça do santo e fez com que o pobre degolado girasse até quase enfiar o nariz na terra. Ela teve que se apoiar do outro lado para desvirá-lo. Samuel inventou que o santo mandava dizer que ela só poderia comer abacaxi, por quinze dias, para a limpeza dos pecados e que precisava andar diariamente de Candeia a Canindé para acender uma vela pra cada santo, Antônio e Francisco, que em vida foram amigos (ACIOLI, 2014, p.82).

Resultado: Madalena, a moça obesa, feia, de pele oleosa e cabelo lambido, nas palavras do narrador, emagreceu, embelezou e casou com o amor da vida dela, um antigo colega de trabalho que fora transferido para o Sul do país. O cômico está presente na transformação de Madalena e na conquista do casamento: a invenção de Samuel sobre a dieta do abacaxi, o embelezamento da moça, o reencontro dos namorados.

A autora equilibra o inusitado e cômico da situação com a visão realista que Samuel tem da religião: ele não acredita no poder do divino, inventa os ritos e os métodos pensando somente nos lucros e em conseguir ir embora de Candeia. O ritual que cria para Madalena está ancorado no que seria a realidade das coisas, obviamente, se a moça modificou a alimentação e passou a fazer longas caminhadas, certamente emagreceria. No entanto, não se explica como o antigo namorado, que fora embora, volta exatamente nessa ocasião e a reencontra. Portanto, confirma-se o que Paiva apresenta sobre a vivência da religiosidade, enquanto os teólogos se expressavam por ideias e definições, o povo predominantemente pelo gesto, pela imagem. Possuem menos um exercício litúrgico que a consciência de mentalidade religiosa, antiga, exata, formal, nas palavras de Câmara Cascudo: “Aí está o segredo do bom humor popular e da constatada e triste inquietação letrada.” (CASCUDO, 2011, p. 171). De nada adiantaria a oficialidade impor a ideia de que não havia maldição em Candeia. É com a imagem do milagre oficializado, o primeiro casamento, e pelos gestos praticados pela nova orientação do mensageiro do santo e seus resultados, é que se modifica o modo de se olhar para Santo Antônio de Candeia.

Com os milagres do santo, criam-se práticas novas e posteriormente renovam-se os ritos que legitimam a relação dos homens com o sagrado naquele espaço esquecido.

Samuel despacha a mulherada, mente, inventa os ritos para se livrar daquela situação. Quer ir embora de Candeia, já que não encontrou o pai e avó era apenas uma sombra de vida mal explicada. Mesmo confessando ao padre que não realiza nada, não consegue explicar o “milagre” de Madalena. Assim como não consegue explicar a enxurrada de milagres da sequência:

O segundo casamento chegou. E o terceiro, o quarto, o quinto. Mulheres que se consultaram com o mensageiro do santo *inexplicavelmente*, encontraram o amor de suas vidas. Samuel era convidado para ser o padrinho de todos, até que Francisco explicou às noivas que isso não seria possível. Aconteciam três, quatro casamentos por dia. Os convidados dos noivos ajudavam a lotar a cidade (ACIOLI, 2014, p. 84, grifos nossos).

Pelo caminho da mentira e do cômico, Samuel realiza os milagres. A personagem também não compreende o que ocorre, pois inexplicavelmente, como enfatizado no trecho, os encontros e casamentos se realizam. Resta-lhe aceitar a estranha situação a qual está envolvido.

A cabeça do santo – o riso desconstrutivo e inovador

Antes de chegar a Candeia, para cumprir os pedidos da mãe, Samuel encontrava-se em estado deplorável. A descrição é própria da figura do romeiro, maltrapilho e sofrido, mas com um toque de humor que seduz o leitor:

Ele não tinha mais sapatos e seus pés, àquela altura, já eram outra coisa: um par de bichos disformes. Dois animais dentados e imundos. Duas bestas, presas aos tornozelos, incansáveis, avante, um depois do outro, conduzindo Samuel por dezesseis longos e dolorosos dias sob o sol (ACIOLI, 2014, p. 11).

A descrição apresenta uma narrativa que se distancia do drama vivenciado por romeiros e retirantes, comuns no Nordeste, principalmente por conta da inclemência da natureza. A autora acrescenta um tom humorístico ao associar os pés de Samuel a bichos que realizam uma ação independente do corpo que os carrega e da consciência de um ser humano. Afastado dos heróis dramáticos e trágicos, a personagem de Samuel, de acordo com nossa leitura, apresenta, nas palavras de Henri Bergson, um “corpo que incomoda”. Está sujo, maltrapilho, com fome, os pés deformados:

Por isso o poeta trágico tem o cuidado de evitar tudo o que possa chamar nossa atenção para a materialidade dos seus heróis. Desde que ocorra uma preocupação com o corpo, é de temer uma infiltração cômica. Daí os heróis de tragédia não beberem, não comerem, não se agasalharem. Inclusive, na medida do possível, nunca se sentam (BERGSON, 1987, p.28).

Em vários momentos da narrativa, essa presentificação do corpo e suas necessidades se apresenta. Samuel sente fome, sede, sono, dor. Consegue um colchão e alguns móveis com Francisco para ficar mais bem instalado na cabeça do santo. A princípio come pão seco e goiabas. Está com uma ferida fétida quando vai se consultar no posto. Quando é convidado para ser o padrinho do primeiro casamento, é limpo, barbeado e vestido de acordo. Percebem que é um homem de boa aparência. Está, portanto, construído de forma afastada dos heróis trágicos como a figura de Zé do Burro⁴ de *O pagador de promessas*, para ficarmos num exemplo de produção literária cujo tema é a vivência da religiosidade.

A “infiltração cômica”, como aponta Bergson, não deixa transparecer para o leitor que Samuel seja uma figura trágica. Nem é também alguém visto com descaso. Humaniza-se a personagem por deixá-la muito próxima de uma pessoa comum e retira o peso do tema da vivência religiosa sem causar o riso debochado.

O humor está presente também na forma de denúncia. A repentina fama de Candeia atrai novos moradores, um cinema e a mídia. Dentre esses, está o jornalista Túlio que também se arriscava como detetive. E o faro de Túlio percebeu que havia algo de muito podre no passado da cidade. O povo precisa saber a verdade.

E a verdade veio em forma de folheto de cordel:

Quando o padre Zacarias recebeu o folheto de cordel com a história de Candeia, era tarde demais para impedir que aquilo se espalhasse. Nem eram nove horas da manhã e todos os habitantes da cidade já andavam com um folheto na mão.

O título era *A cabeça do santo* e folheto contava toda a história do lugar, desde que era vila, depois quando virou cidade, até o dia em que fora condenada à morte e mais tarde voltara à vida com a chegada de Samuel, o profeta enviado por Santo Antônio para morar dentro da sua cabeça.

Uma xilogravura na capa mostrava a cabeça do santo no chão, com uma lágrima que virava rio e um homem fugindo com sacos de dinheiro, ao fundo, em perspectiva.

Não era um folheto inocente, quem o fez ou encomendou tinha a intenção de revelar verdades do passado que até então ninguém conhecia. Naqueles versos e rimas havia a grave denúncia de que Osório, o eterno prefeito, havia roubado muito, mas muito dinheiro dos cofres do município. Descrevia sua casa na capital, o luxo dos seus carros, as joias da esposa – que, segundo o cordel, era muito bem tratada para que nunca desconfiasse de seu caso de amor secreto em Candeia (ACIOLI, 2014, p. 89-90).

⁴ Zé do Burro é, segundo Geraldo Matos em *Adoração e comércio da fé* – em Paul Claudel e Dias Gomes, representante autêntico da religiosidade popular: “[...] de pedra angular nas promessas, no fanatismo, na orquística e no comércio com o universo espiritual do terreiro dos orixás” (p. 68). Aqui também se apresenta o tema do sincretismo religioso, vivido por Zé do Burro e causa de seu fim trágico. Zé do Burro, no entanto, é uma personagem pura e mítica.

A verdade escandalosa por trás do quase inexplicável fato de a cabeça jazer no chão e não no alto da estátua se revela: os inúmeros casos de obras superfaturadas e muitas vezes não terminadas que pululam pelo Brasil afora e, como resultado, o enriquecimento ilícito das autoridades governamentais e abandono do povo.

A revelação sobre o porquê de a cabeça estar no chão e a recente “reação” do santo, afinal humilhado em sua condição de santo, irritam essas autoridades e seus protetores: Samuel passa a ser perseguido pelos apoiadores do prefeito Osório. É surrado, é preso e ameaçado de morte.

Só resta a fuga.

O enredo, mais ao final, nos informa que o pai de Samuel era um dos trabalhadores responsáveis pela execução da estátua. Por um erro de orientação por parte do engenheiro, acabara por fazê-la no chão e não no alto da estátua. Acusado e humilhado, refugiara-se por longos anos no restante do corpo da estátua. Os especialistas e o prefeito concluíram que não havia como consertar o erro. Viera a verba, o serviço não fora executado, culpavam um trabalhador e não há questionamento sobre os verdadeiros responsáveis. Somente com a vinda de Samuel, sua inusitada situação de porta-voz do santo, o renascimento da cidade, a busca de explicações por parte do jornalista e a “denúncia” por parte do folheto de cordel, é que acaba por trazer à tona a explicação sobre os fatos.

As formas do riso, diversificadas e modificadas no decorrer da produção artística humana, encontra em Bakhtin rumo proveitoso:

O verdadeiro riso, ambivalente e universal, não recusa o sério, ele purifica-o e completa-o. Purifica-o do dogmatismo, do caráter unilateral, da esclerose, do fanatismo e do espírito categórico, dos elementos do medo e da intimidação, do didatismo, da ingenuidade e das ilusões, de uma nefasta explicação sobre um plano único, do esgotamento estúpido. O riso impede que o sério se fixe e se isole da integridade inacabada da existência cotidiana. Ele restabelece essa integridade ambivalente. Essas são as funções gerais do riso na evolução histórica da cultura e da literatura (BAKHTIN, 2002, p. 105).

A “redescoberta” da fé no santo milagreiro, a meteórica e profunda mudança que Samuel promove na cidade de Candeia purifica a esclerose, o fanatismo, o medo, vivenciados pela população local até então. É, portanto, um riso, ambivalente, conforme Bakhtin. Sem glamour, a personagem envereda pelos caminhos da narrativa, brincando, tramando, mentindo e, por fim, também reconhecendo seu próprio milagre e conhecendo a verdade sobre seu passado.

O humor, na narrativa, também, desconstrói a intimidação, o medo das autoridades, afinal, os verdadeiros culpados da vergonhosa situação do santo. Desnuda os pecados

mundanos, mas fecha a trama com alegria e realizações, sem cair no pieguismo ou em algum tipo de deboche. É o riso transformador, que promove renovação e mudanças.

Considerações finais

O texto ficcional de Socorro Acioli apresenta um saboroso exercício de leitura que se apropria dos elementos do fantástico e do humor com graça e exatidão. Trata de temas próprios da vivência dramática: a religiosidade, a corrupção política, o fanatismo. A personagem principal, cheia de defeitos, nos encanta e nos faz rir. É o herói próximo de nós. Vive, no entanto, algo surpreendente, pouco entendido, a “força estranha” que ele diz sentir, mas não entender – o convite ao universo do fantástico. A narrativa apresenta uma série de situações que podem dialogar com esse universo. A personagem adentra, a partir da viagem que executa, uma cidade peculiar, espaço onde a vivência do fantástico acontece. A narrativa, ainda, nos atenta para as formas de vivência da religiosidade popular, apontada por Câmara Cascudo, em que o humor está presente nas práticas da fé, inventada pelo povo, ignorada pela oficialidade. Os ritos religiosos são seguidos pelos fiéis, mas também inventados demonstrando uma vivência religiosa orgânica. Mentindo e enganando, Samuel reformula os ritos de vivência espiritual, praticadas sem questionamentos pelas moças casadoiras. Equilibrando-se entre o real e o sobrenatural-divino, a autora nos conduz aos acontecimentos que cercam Samuel e a cidade de Candeia visitando o tema da religiosidade vivenciada no Brasil pelo viés do humor e pela presença do fantástico, possíveis no mundo ficcional. Por fim, o riso que se presencia no enredo da diegese é desconstrutivo e renovador: revela a verdade por trás da triste condição da cabeça da estátua jazer no chão – a corrupção política – e altera a visão da personagem sobre a fé e o divino. A narrativa termina com uma atmosfera de beleza e de amor, simbolizada pelo encontro de Samuel com a portadora da voz que ele ouvia cantar na cabeça da estátua. Vivencia seu próprio milagre pessoal e faz as pazes consigo e com o passado.

Referências

ACIOLI, Socorro. **A cabeça do santo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

BAKHTIN, Mikhail. **A cultura popular na Idade Média e no Renascimento**: o contexto de François Rabelais. São Paulo: Annablume, 2002.

BERGSON, Henri. **O riso**: Ensaio sobre a significação do cômico. 2 ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 1987.

CASCUDO, Luís da Câmara. **Religião no povo**. São Paulo: Global, 2011.

CESARINI, Remo. **O fantástico**. Tradução de Nilton Cezar Tridapalli. Curitiba: Ed. UFPR, 2006.

MATOS, Geraldo. **Adoração e comércio da fé em Paul Claudel e Dias Gomes**. Vitória: EDUFES, 1999.

PAIVA, José Maria de. **Religiosidade e cultura brasileira**. Maringá: EDUEM, 2012.

TODOROV, Tzvetan. **Introdução à literatura fantástica**. São Paulo: Perspectiva, 1975.

Recebido em: 17/04/2021

Aceito para publicação em: 17/05/2021